



[Resenha do Crash Course de John Green \(clique aqui\)](#)

Hamlet ou Amleto? É uma análise divertida e com grande lastro de erudição que não deixa nada a dever aos trabalhos dos mais empenhados shakespearistas. Ouvi dizer, embora não tenha conseguido confirmar, que Rodrigo Lacerda frequentava a roda de discussão semanal sobre os escritos do autor do ser ou não ser comandada por Barbara Heliodora. Se foi esse o caso, o fato mostra o interesse deste escritor, que em sua primeira novela, O mistério do leão

rampante, demonstrava grande admiração pelo dramaturgo de Stratford-upon-Avon. Admiração essa que, ao que tudo indica, vem de longe. O livrinho infanto-juvenil, “O fazedor de velhos” (Cosac Naify, 2008), de Lacerda, fala mesmo de um leitor, de início mirim e depois pós-adolescente, a um só tempo, intrigado e com extremo fascínio pela dupla Hamlet/Shakespeare.

O inspirado autor de uma coletânea de contos (“Triplicata”), novelas (além de “O mistério”, publicou “A dinâmica das larvas”) de um romance histórico (“A república das abelhas”, sobre seu avô, Carlos Lacerda), com vários prêmios que comprovaram o alcance de sua escrita ficcional (prêmio Jabuti, prêmios da Fundação Nacional do Livro Infanto-Juvenil e da Academia Brasileira de Letras), se mostra um escrutinador com aquele dom raro dos grandes resenhistas-comentadores que fazem carreira nas universidades. A boa nova é que o livro de Rodrigo Lacerda não tem o ranço e nem apresenta tampouco aquela escrita pouquíssimo criativa que costuma marcar os trabalhos produzidos no meio acadêmico. Embora tenha cumprido os ritos de nossas pós-graduações, doutorando-se em teoria literária e literatura comparada pela USP, o autor de “Hamlet ou Amleto?” não se sente obrigado a posar de entendido. Sua escrita leve, enfezada, divertida, hilária em alguns momentos, tem compromisso apenas com a inteligência do leitor. Mesmo um *connaissanceur* da peça e de sua fortuna crítica, ficará contente em revisitá-la acompanhando o autor que a examina em seus mínimos detalhes, mostrando como trata-se de um drama bem amarrado e extremamente coeso em sua estrutura narrativa.

Sem um registro bibliográfico formal, ainda que haja em sua parte final indicações sobre o que informou seu texto, o analista percorreu os trabalhos de leitura de alguns dos críticos fundamentais dessa peça que há 400 anos é discutida por todos que a entendem como um dos maiores tratados sobre a psique humana. Harold Bloom acha mesmo que Shakespeare com o seu Hamlet inventou o homem moderno. Para o crítico americano, sem o dramaturgo-criador e sua personagem-criatura, não teríamos conseguido nos igualar aos filósofos houghnms machadianos. É uma leitura possível, mas que não deixa de levar uma alfinetada de Lacerda, que diz (se dirigindo a Bloom e seus seguidores ao comentar a passagem em que Hamlet não mata o tio Claudius porque ele está rezando): “De tanto quererem enfatizar que Shakespeare e você (o autor está mais uma vez, e como faz ao longo de todo o livro, dando conselhos a Hamlet Jr. ou a um possível ator que viesse a fazer o seu papel) são homens 100% modernos, inventores do indivíduo contemporâneo, materialistas e racionais, eles atropelam seu lado cristão praticante”.

Com desprendimento, o autor-crítico fica à vontade ainda para recorrer a fontes pouco confiáveis como aquelas presentes na rede mundial de computadores. E neste ponto é uma pena que tenha deixado escapar uma notícia importante do *New York Times*. Em reportagem do jornal americano de dois anos atrás, ficamos sabendo que o inglês Brian William Vickers, da University College de Londres, identificou, e, pesquisas do americano Douglas Bruster, da Universidade de Austin no Texas, parecem confirmar, os fortes indícios de que a “Spanish Tragedy”, de Thomas Kyd, fonte da estrutura narrativa de “Hamlet”, teve 325 de suas linhas redigidas com a caligrafia de Shakespeare. O fato comprovaria a participação ativa do bardo na preparação da peça.

Aparecendo apenas em um dos periódicos de circulação restrita da Universidade de Oxford, esta informação é registrada por artigo do *New York Times* de 2013 (<http://goo.gl/YP05eq>). Em tempo hábil, portanto, para que fosse aproveitada no capítulo 4, em que Lacerda refaz a cronologia da peça no percurso que levaria ao estabelecimento do texto canônico do drama. Rodrigo Lacerda podia ainda ter conhecido também a professora emérita do King’s College de Londres Ann

Thompson, que tem palestra postada na Internet (<https://goo.gl/VQ9JCM>; conselho avançar até os 10 minutos para contornar as formalidade da apresentação). Ann responde, junto com Neil Taylor, por uma das famosas edições Arden (a de 2006) sobre a tragédia do Príncipe indeciso. Para seu livro, Lacerda preferiu, no entanto, ficar com a antiga edição da New Swan Shakespeare, editada por Bernard Lott para a Longman no final dos anos de 1960.

Mais estes detalhes são pouquíssima coisa para um autor com extenso currículo como tradutor (Faulkner, Dumas, Carver) que se deu ao trabalho de vaziar sua versão pessoalíssima (vale a pena contrastá-la com a de Millôr Fernandes) para todas as longas passagens comentadas. Shakespeare, em geral, e Hamlet, especificamente, colecionam as frases mais repetidas por todos os dias diariamente em todos os idiomas. Traduzi-las, portanto, um desafio. No que diz respeito a nossa muito conhecida Hamlet, mais coisas entre o céu e terra do que sonha a nossa verdadeira filosofia, Lacerda lembra que o adjetivo verdadeiro, embora caia bem e se adequa ao criar certa ênfase ao momento que se segue a aparição do espectro do pai de Hamlet, não aparece no original. Rodrigo prefere ainda que a segunda oração fique: Do que as sonhadas em nossa filosofia, com filosofia como sinônimo para as ciências naturais. O assunto é discutível e a Hamlet ou Amleto cabe o mérito de levantar a questão. A tradução de Millôr Fernandes foi mais conservadora e ficou com: Do que sonha a tua filosofia. Já que o your philosophy do original não parece usar o pronome possessivo como impessoal e sim como uma referência a Horacio, que é o interlocutor do príncipe na cena.

Outros momentos de divergência. A tradução de Lacerda é mais ousada na famosa Frailty, thy name is woman. O autor traduz frailty, por traição, uma leitura possível. Millôr ficou com fragilidade. Uma amiga, Regina Cocking, sugeriu fraqueza, que talvez seja a melhor alternativa para caracterizar a vida de Hamlet sobre o caráter de sua mãe. Já na conhecida troca de farpas entre Hamlet Jr. e Polônio, o ousado é Millôr que faz o Príncipe, se passando por lunático e ao fingir não reconhecer o conselheiro real, se referir a ele como Ruffian. Sugere assim que fishmonger esteja sendo usado como uma corruptela de fleshmonger. Lacerda fica com o mais comedido e literal peixeiro.

Se desce, investiga e debate detalhes com refinamento, Rodrigo Lacerda não deixa de ter desprendimento para recorrer à Wikipedia. O autor não se furta também a fazer referências a exemplos culturais rasteiros e contemporâneos como os bitiniques, o agente Maxwell Smart, a FIFA e ao Big Brother. Quem se divertir com Hamlet ou Amleto, vai também rolar de rir se instruindo com as duas postagens do vlogue do Crash Course que John Green fez para o Hamlet (link acima). O entusiasmo foi tanto que não resisti a baixar o livro A Culpa é das Estrelas, para conhecer o universo ficcional deste outro grande resenhador que conversa conosco sem as formalidades dos adeptos de pompa e circunstância.

Category

1. Hamlet
2. John Green
3. Rodrigo Lacerda
4. Shakespeare

Date Created

2015/06/12

Author
kikopedrosa

default watermark